

# DISSIDÊNCIAS, OU OUTRAS RESPIRAÇÕES

ANA LUÍSA AMARAL  
*a.luisaamaral@gmail.com*  
*Universidade do Porto, Faculdade de Letras*

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2922-0811>

DOI

[https://doi.org/10.14195/0870-4112\\_3-7\\_11](https://doi.org/10.14195/0870-4112_3-7_11)

Texto recebido em / Text submitted on: 25/02/2021

Texto aprovado em / Text approved on: 15/03/2021

**Biblos.** Número 7, 2021 • 3.<sup>a</sup> Série  
pp. 251-255

Era em tom morno o anúncio do calor

e suspenso daquela primavera,  
à distância do olhar: o fio  
da liberdade

tecido numa teia de tal forma  
que podia criar quando se erguesse  
uma rede perfeita de energia  
atravessada a luz,

o ar cruzando-a, alimentando os fios,  
uma voz do passado murmurando  
*havia um sonho*

Folhas, ramos, mãos levantadas, multidões,  
os pés a caminhar, os gritos vegetais e dos humanos  
exigindo o direito de se estenderem livres  
pela erva acabada de nascer

Mas ela respondera já por tantos nomes,  
tantos nomes lhe haviam já chamado, à liberdade,  
e tinham-na despido, pondo na sua mão  
bandeiras e estandartes

a ela, que habitara desde sempre  
a pele, o pêlo, as penas, escamas brilhantes,  
a vontade que de dentro emerge  
entre todos os

*da nossa casa*

Se existisse um gigante, os braços rodeando

esta bola pulsante de rochas e de gás azul,  
de grutas decoradas por caracteres e escuro, os biliões de anos  
até chegar ao verde nas escarpas,  
desertos e oceanos – tão belo,  
e quando contemplado de longíssimo,  
como da irmã lua, mais belo ainda:

*a nossa casa  
onde nascemos todos, mas desiguais  
vivemos*

Se houvesse esse gigante, os joelhos  
pousados nas estrelas, braços abertos sobre tudo,  
contemplaria um outro fio lançado sobre tudo:  
o fio do tempo, mas tempo  
em curvatura, fora de nós

– que sobre o tempo  
não sabemos nada

Sabia a primavera,  
o seu tempo liberto dos ponteiros,  
e subia a telhados, cobrindo-os de erva leve,  
e entrava nas maçãs muito vermelhas,  
sabia o que fazer daquela nuvem  
aparecida de súbito no céu

No cérebro dos filhos dos humanos,  
nesse curto aposento de peso pouco mais  
que pequeno lingote,  
cinzento, irrigado de sangue,  
como Amazónia cortada por rios fundo  
ou Mississípi cruzado por cadáveres e luz

junto às sinapses que dão a acontecer  
a dor, a imaginação, e ao lado delas, inventar torturas  
e sermões, forçadas conversões ou resistências,  
o desejo da língua a acompanhar  
aquilo a que se chama  
coração –

ali, como indelével tatuagem,  
ela nunca morreu,  
a liberdade

Estremecer de alegria pelo ar a invadir  
narinas e pulmões, guelras e linfa, a revolta  
dos braços contra a roupa, das patas  
contra a terra, as asas junto ao ar – e em fogo tudo, incendiar  
centelhas invisíveis  
pelo corpo acabado de nascer,  
aprender a voar

e respirar

Não como os monstros: os monstros não desejam,  
e realmente o voo não é seu;  
nem como os anjos que se deleitam  
na neutra beatitude  
de viver entre a luz, o azul e Deus

Os anjos e os monstros nada sabem  
de morrer de asfixia e de terror,  
nem do poder que tem pulso ao lado de pulso,  
punho ao lado de punho, mão sustendo outra mão,  
nem desse cheiro fresco e muito doce  
que por vezes destila a primavera

Nem sabem ao que sabe  
a flor mortal ou de viver no fio suspenso  
no abismo, mas capaz de o romper, chegar  
à outra margem, visitar novo cume  
de montanha

ou gritar pelas décadas fora  
*havia um sonho*

e os séculos ouvindo  
e repetindo em eco *eu tenho um sonho*

Os monstros e os anjos nada sabem do fio  
da liberdade, de defender a Aranha  
que o teceu, ao fio,

o fundiu e moldou,  
belo como um elástico de cor  
ou a matéria fluida das estrelas,  
forte de escavadora, o seu guindaste agora desarmado,  
diamante dúctil –

assim, talvez: futuro –

